

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

MARCELLA POLACHINI MAYER VAZ

**MODA E ARTE:
A DÉCADA DE 1980 NA PERSPECTIVA DE YOHJI YAMAMOTO
E REI KAWAKUBO**

São Paulo
2016

MARCELLA POLACHINI MAYER VAZ

**MODA E ARTE:
A DÉCADA DE 1980 NA PERSPECTIVA DE YOHJI YAMAMOTO
E REI KAWAKUBO**

Monografia apresentada como exigência parcial para o curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda da Universidade de São Paulo.

Professor orientador: Emerson Nascimento.

São Paulo

2016

VAZ, Marcella Polachini Mayer. **Moda e arte: a década de 1980 na perspectiva de Yohji Yamamoto E Rei Kawakubo**. Monografia apresentada como exigência parcial para o curso de Especialização em Estética e Gestão de Moda da Universidade de São Paulo, sob orientação do Prof. Emerson Nascimento.

Aprovada em:

Banca examinadora

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são primeiramente à minha família e aos amigos pelo grande apoio e incentivo no decorrer deste curso e durante a realização deste projeto. Agradeço aos professores por dividirem sua sabedoria e amadurecer meu conhecimento e criatividade, e agradeço especialmente ao meu orientador, professor Emerson Nascimento, por sua dedicação e contribuição para a construção deste projeto.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta e indiretamente para que este projeto se tornasse realidade.

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de apresentar uma discussão acerca das relações entre arte e moda, com foco no trajeto dos estilistas japoneses Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo durante o período dos anos 1980. Através de investigações bibliográficas, esta pesquisa busca evidenciar as trocas estabelecidas entre as áreas de arte e moda através das colaborações entre essas marcas e alguns artistas, estabelecendo um paralelo e criando novas perspectivas em ambas as áreas.

Palavras-chave: Moda. Arte. Anos 1980. Yohji Yamamoto. Rei Kawakubo.

ABSTRACT

The present research aims to present a discussion about the relation between art and fashion, focusing on the path of the Japanese designers Yohji Yamamoto and Rei Kawakubo, during the 1980s. Through bibliographical investigations, this research seeks to highlight the exchanges established between the areas of art and fashion through the collaborations between these brands and some artists, establishing a parallel and creating new perspectives in both areas.

Keywords: Fashion. Art. 80s. Yohji Yamamoto. Rei Kawakubo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Yohji Yamamoto em cena do filme <i>Notebook on Cities and Clothes</i> (1989)	18
Figura 2 – Criação de Yohji Yamamoto (1980).	19
Figura 3 – Criação de Yohji Yamamoto (1981)	19
Figura 4 – Yohji Yamamoto e modelo em cena do documentário <i>Notebook on Cities and Clothes</i> (1989)	21
Figura 5 – Yohji Yamamoto e sua equipe em cena do documentário <i>Notebook on Cities and Clothes</i> (1989)	21
Figura 6 – Rei Kawakubo (1987)	23
Figura 7 – Rei Kawakubo em <i>backstage</i> de desfile da Comme des Garçons em Paris (1987)	24
Figura 8 – Imagem da mostra <i>Scenario</i> com figurinos feitos por Rei Kawakubo (1997)	25
Figura 9 – Coleção <i>Body Meets Dress, Dress Meets Body</i> da Comme des Garçons (1997)	26
Figura 10 – Uma das peças mais famosas de Rei Kawakubo, <i>Tricot com furos</i> (1984)	26
Figura 11 – Mostra da coleção primavera/verão 2012, <i>White Drama</i> , da Comme des Garçons em Paris	31
Figura 12 – Parceria entre Rei Kawakubo e Oliver Herring – Biennale di Firenze (1996)	32
Figura 13 – Parte da mostra <i>ReFUSING Fashion: Rei Kawakubo</i> (2008)	33
Figura 14 – Parte da mostra <i>ReFUSING Fashion: Rei Kawakubo</i> (2008)	34
Figura 15 – Parceria de Rei Kawakubo e Cindy Sherman (1994)	34
Figura 16 – <i>Scenario</i> – Parceria de Rei Kawakubo e Merce Cunningham	35
Figura 17 – Desfile de Yohji Yamamoto nos anos 1990	36
Figura 18 – Cena do filme <i>Brother</i> com figurinos desenvolvidos por Yamamoto (2000)	38
Figura 19 – Cena do filme <i>Dolls</i> com figurinos desenvolvidos por Yamamoto (2002)	39
Figura 20 – Imagem da mostra <i>Yohji Making Waves</i> (2011)	40
Figura 21 – Parte da mostra <i>Yohji Yamamoto</i> no Victoria & Albert Museum (2011)	41
Figura 22 – Imagem da mostra <i>Yohji's Women</i> , em Londres (2011)	42

SUMÁRIO

1 OBJETIVO	8
2 METODOLOGIA	11
3 INTRODUÇÃO	17
4 MODA E ARTE	23
5 YOHJI YAMAMOTO – DA COSTURA DE BAIRRO À ALTA COSTURA MINIMALISTA	17
6 REI KAWAKUBO – VANGUARDA NA MODA E NA ARTE	23
7 REI KAWAKUBO E YOHJI YAMAMOTO – RELAÇÃO COM A ARTE	28
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1 OBJETIVO

O objetivo deste projeto é analisar as interfaces entre moda e arte, propondo uma discussão a respeito das relações entre ambas com foco nas contribuições dos estilistas japoneses Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto em meados da década de 1980, buscando compreender os processos pelos quais a moda se apropria de estéticas artísticas e como se dá o uso dessas referências em uma linguagem própria e sutil.

Esta pesquisa permite ainda analisar as composições visuais estabelecidas por estes designers nipônicos com base em suas referências históricas, culturais, pessoais e emocionais e estipular novos parâmetros de interação entre a arte e a moda.

2 METODOLOGIA

Este projeto, para a realização de seus objetivos, utilizará primeiramente a fundamentação teórica através de consultas à fontes bibliográficas tais como livros de temáticas de arte e moda, dissertações, teses e artigos, reportagens, publicações e web sites. Além disso, utiliza-se também de análise interpretativa com base neste levantamento teórico e em pesquisas e estudos anteriores relacionados à temática da arte e da moda.

3 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o objetivo de estabelecer conexões entre as áreas de moda e arte, sob a justificativa de instituir parâmetros sobre como a moda apropria-se da arte em coleções e desfiles. Para a realização dessa análise, foram escolhidos como estudo de caso os estilistas japoneses Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto, com foco em suas produções datadas do início dos anos 1980, que possuem a capacidade de retratar na moda, muitas vezes, os costumes de um determinado período ou situação histórica.

Nesse sentido, o primeiro capítulo possui o objetivo de estabelecer uma breve análise histórica do fenômeno moda na sociedade, bem como os acontecimentos mais relevantes em diferentes períodos no decorrer da história da moda.

No segundo capítulo, a pesquisa expõe os principais acontecimentos históricos e sociais da vida dos estilistas japoneses Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo, com o objetivo de investigar sua história, formação e valores, bem como analisar a constante presença da arte em suas vidas, nos desfiles e em suas coleções de moda durante os anos 1980. O capítulo explora, ainda, a maneira sutil com a qual ambos os estilistas se apropriam e estabelecem conexões com a arte em sua trajetória pessoal e profissional.

Nesse sentido, serão apresentadas reflexões acerca de ambas as áreas, com foco na trajetória e produção desses estilistas japoneses no período de 1980 a 1990, estabelecendo uma análise a respeito das principais transformações e influências que as áreas de arte e moda exercem uma sobre a outra.

A partir de uma investigação bibliográfica e iconográfica dos acontecimentos mais relevantes na década de 1980, evidenciam-se as trocas entre moda e arte estabelecidas pelas grifes Comme des Garçons e Yohji Yamamoto através de suas filosofias e de seu constante envolvimento com a arte. Ambas as grifes, assim como seus criadores, criaram uma linguagem própria, provocando e desafiando convenções e caminhando paralelamente com a arte, criando não somente roupas, mas novas maneiras de se pensar a moda.

A partir dessas observações, conclui-se que algumas das relações estabelecidas entre arte e moda enriquecem e criam novas perspectivas em ambas as áreas, estipulando novos conceitos de moda e estabelecendo uma série de colaborações e aproximações inovadoras com o mundo da arte.

4 MODA E ARTE

As conexões entre moda e arte podem ocorrer em diversas circunstâncias, seja no desenvolvimento de coleções ou no cotidiano, relacionando-se como processos de criação e de referência nos quais os diferentes campos estabelecem interferências, influências e inter-relações entre si.

Arte e moda estão relacionadas diretamente à cultura e à comunicação, sendo ambas atividades intelectuais que se conectam pelos campos da criação. Para Redig (1992), a moda tem ligação com a dimensão artística, pois trabalha com formas, cores, materiais, imagens e mensagens. Além disso, para o autor, a arte tem, na moda, uma possibilidade de dialogar com o cotidiano, o que acontece desde a vanguarda até a contemporaneidade. Da mesma maneira, a moda se apropria da arte como referencial para suas criações. Lipovetsky (2005) considera que a moda e a arte podem conectar-se com o intuito de aumentar as possibilidades de atuação das áreas. Ambos os universos podem ser colocados como paralelos, uma vez que a moda, assim como a arte, tem relação com cultura, produção de linguagem e criação.

Com base nas afirmações de Lipovetsky (2009), torna-se possível enxergar a moda como uma forma de comunicação, uma forma de identidade, um recado para o outro, como a referência pessoal de um indivíduo dentro de uma cultura ou sociedade. A moda, nesse caso, torna-se então um fenômeno global e efêmero que acompanha o vestuário, percorre diferentes âmbitos sociais e se faz presente na indústria, na mídia e nas ruas.

Segundo Brandini (2007), a moda é um meio de comunicação que constrói a personalidade e a distinção individual de um sujeito dentro de um grupo social, porém não significa apenas *status*: também pode comunicar ideologias, visões e reflexões de mundo. A moda não é somente temática, pois possui muitas vezes o poder de discursar sobre as manifestações e práticas de vida em diferentes períodos de nossa sociedade, ditando modismos, afetando os hábitos cotidianos, as atitudes, as personalidades e os comportamentos sociais.

Segundo Lipovetsky (2009), antes da metade do século XIV, o vestuário e os modos eram baseados na cultura e nas tradições dos antepassados; portanto, a moda como a conhecemos hoje passou a existir de fato somente a partir do final da Idade Média, época em que o vestuário passou a ser distinto para homens e para

mulheres, o que o autor define como uma “revolução do vestuário que lançou as bases do trajar moderno” (LIPOVETSKY, 2009, p. 31).

Só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. A renovação das formas se torna um valor mundano, a fantasia exhibe seus artifícios e seus exageros na alta sociedade, a inconstância em matéria de formas e ornamentações já não é exceção, mas regra permanente: a moda nasceu. (LIPOVETSKY, 2009, p. 24)

Desde esse período, diversos acontecimentos ocorreram e transformaram o mundo e a moda como os conhecemos hoje, e, segundo Pollini (2007), um dos mais importantes é certamente a Revolução Industrial¹, uma vez que foi durante esse período que foram criados o tear e a fiandeira mecânica, que alteraram as relações das pessoas com o vestuário e a moda, dando lugar aos conceitos de materialismo e individualismo, traduzindo a maneira de pensar dos indivíduos em escolhas estéticas. Foi também nesse contexto que apareceu a Alta Costura, um sistema de criação de moda de luxo e sob medida, que “monopoliza a inovação, lança a tendência do ano [...] é a instituição mais significativa da moda moderna” (LIPOVETSKY, 2009, p. 80-81).

Um dos grandes nomes da Alta Costura, considerado o inventor da profissão de estilista de moda, foi Charles Friederich Worth, que, segundo Pollini (2007), protagonizou as primeiras inovações no cenário criativo da moda no final do século XIX, tais como os desfiles de moda, a profissão de modelo e a existência de um criador de moda como conhecemos hoje, ditando tendências, cores, formas e texturas, dando início assim ao conceito de Alta Costura e ao criador de moda como artista. A partir desse acontecimento, de acordo com Lipovetsky (2009), surge a “Moda dos Cem Anos”², em que o consumidor passa a experimentar sua individualidade quando elege suas preferências pessoais de aquisição do vestuário, o que marca o início da trajetória da moda moderna em direção à arte e ao estilo.

¹ A Revolução Industrial foi um período entre o século XVIII e XIX marcado pela substituição do trabalho manual e artesanal por métodos de produção assalariada e pelo uso de máquinas. (DENIS, 2000, p. 20-21)

² A moda dos cem anos é considerada a primeira fase da moda moderna. Este período (1850 a 1960) é marcado pelo estabelecimento de novos sistemas de produção do vestuário e pelo surgimento de costureiros de moda. Foi também nesta época que a moda se polarizou em dois horizontes: o da Alta Costura e o da confecção industrial. (BRANDINI, 2009, p. 92-93)

Uma vez estabelecido esse novo contexto, em que a moda desperta o desejo de individualismo e de uma construção mais baseada na estética e estilo pessoal de cada indivíduo, é importante citar brevemente outros períodos e circunstâncias importantes para a trajetória da moda, como a década de 1920. De acordo com Lipovetsky (2009), essa época, marcada pelo final da Primeira Guerra Mundial (1914 a 1918) foi o período da celebração da vida, da liberação das mulheres com o aparecimento das calças femininas e das primeiras influências que a arte moderna exerceu no campo da moda e do vestuário. Em seguida, foram os anos 1930 e a crise da Bolsa de Nova York em 1929 que marcaram fortemente o contexto histórico e a moda, com propostas de vestuário mais conservadoras e sóbrias. A década de 1940, por sua vez, teve como grande acontecimento o início da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), período de grande racionamento e escassez, principalmente com relação ao vestuário, que sofreu fortes influências do militarismo da época. Com o final da guerra e o sentimento de paz que se apoderou da Europa com a aproximação dos anos 1950, surgiu, em 1947, a coleção do estilista francês Christian Dior, que promoveu o chamado *New Look*, que consistia basicamente em saias muito amplas, cinturas marcadas, luvas, chapéus, sapatos femininos e uma abundância de tecidos, propondo uma silhueta completamente oposta à que era utilizada durante a guerra e estabelecendo novos paradigmas de moda e estilo que ecoam até os dias atuais.

Com a chegada da década de 1960, conforme afirma Pollini (2007), a Alta Costura começou a entrar em decadência, e foi nesse momento que se estabeleceu o *prêt-à-porter*³, que, segundo Lipovetsky (2009), foi um dos fatos mais importantes do fenômeno da moda, pois reorganizou a sociedade de maneira mais democrática, permitindo o acesso das mais diversas classes sociais à moda. O autor ressalta, ainda, que uma das possibilidades do *prêt-à-porter* é a de permitir que o ser humano expresse sua individualidade e personalidade através da moda, o que contribui para

³ Expressão criada pelo estilista francês J. C. Weill, o *prêt-à-porter* surgiu de fato com o final da Segunda Guerra Mundial, em 1949, porém teve um reconhecimento maior na década de 1960 com o impulso dos movimentos sociais jovens e o aumento da cultura de massa. *Prêt-à-porter* significa “pronto para usar” e é considerado um dos maiores fenômenos da moda por ter lançado a produção em série, barateando o produto e tornando a moda mais democrática e acessível para diferentes classes sociais. (SABINO, 2007, p. 501)

o desenvolvimento do consumismo e de toda a formação do sistema de moda baseado no efêmero, que incentiva o consumo e cria novos desejos e necessidades a todo instante, e que remonta até os dias de hoje.

Foi também durante esse período, em meados da década de 1960, de acordo com Hall (2014), que ocorreram, principalmente nos Estados Unidos, os novos movimentos sociais, como o feminismo, o movimento antibelicista, as lutas raciais, entre outros movimentos da juventude da época, que em geral defendiam valores extremamente opostos aos que eram impostos pela sociedade, como a valorização do capitalismo e consumo desenfreado. Esses jovens, que se uniam em torno de ideais e estilos em comum e promoviam verdadeiras revoluções em seus modos de vestir, consideravam a moda como algo absolutamente frívolo e exibicionista. Após esse período de contestação que permeou ainda parte dos anos 1970, a década de 1980 trouxe uma sensação oposta, propondo “uma mudança radical nas atitudes em relação à moda [...] quando a sociedade se mostrou disposta a adotar o consumismo ostentatório” (FOGG, 2013, p. 442).

De 1973 a 1980, a chamada “crise do petróleo” marcou o fim de um período de trinta anos de prosperidade e levou a sociedade industrial a repensar seus objetivos. Foi também um período de profundas transformações sociais, com a desintegração dos regimes comunistas do Leste Europeu, a retirada do exército soviético do Afeganistão e a implacável repressão do movimento pró-democracia na China. É durante esse período que surge o conceito da era da globalização, com a intensificação da chegada da tecnologia, o lançamento de computadores e o surgimento da *internet* já no início da década de 1990.

Os anos 1980 foram, então, marcados pelo exagero e pela ostentação, porém, ao mesmo tempo, segundo Braga (2007), apresentaram temas de influências opostas, transmitindo uma ideia de multiplicidade, de vários caminhos e diferentes realidades. O cenário global era de instabilidade e oposição, uma vez que todos acompanhavam a queda do Muro de Berlim,⁴ que até então dividia o mundo em dois polos, o do capitalismo e do socialismo.

⁴ O Muro de Berlim foi uma barreira construída na Alemanha durante a Guerra Fria, período de conflitos entre os Estados Unidos e a União Soviética, que causou uma espécie de divisão do mundo entre dois polos: o capitalista e o socialista, representado pelos dois países respectivamente.

Para a moda, os anos 1980 trouxeram os exageros, as ombreiras, as calças *baggy*, o moletom, o tecido linho como principal matéria-prima, os calçados *creepers* e muitas outras macrotendências de moda não convencionais. Segundo Sabino (2007), cidades consideradas referências para a moda global, como Londres e Paris, estavam em evidência com uma liberdade de expressão maior do que nunca. A sensação era de liberdade, e uma vez que a moda e os estilistas da época possuíam mais possibilidades de experimentação e inovação do que em períodos anteriores, a moda internacional expandiu-se e abriu espaço para criadores das mais diversas localidades. Estilistas como Azzedine Alàia, Christian Lacroix e Kenzo apresentavam novas arquiteturas e formatos em suas criações, propondo novas formas de vestir e experimentar. Porém, ainda segundo Sabino (2007), foram as influências de estilistas e criadores nipônicos como Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto que realmente contagiaram e transformaram muitos dos conceitos de moda e elegância estabelecidos até então. Através de suas apropriações e influências sutis do universo artístico e de suas coleções consideradas transformadoras e minimalistas devido ao uso de poucos elementos e detalhes, esses criadores questionaram muitos dos princípios de abundância e exageros de moda e estética da época, lançando o conceito de pauperismo, que consiste em uma moda que faz uso de tecidos gastos, sobreposições, assimetrias, volumes amplos e cores escuras, e que ganhou esse nome devido à comparação com a vestimenta utilizada pelas classes desfavorecidas. Esse novo formato de moda desafiava diversos padrões de estética vigentes até então, propondo novos olhares para cores, materiais, volumes, texturas e, principalmente, para a relação da moda com a arte.

Embora seu início tenha sido bastante parecido com relação às propostas de minimalismo, desconstrução de formas e tecidos e conforto que incorporavam em suas criações, as grifes de Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo hoje seguem caminhos diferentes. Enquanto Yohji segue conhecido por ser um dos grandes representantes da moda simples e minimalista, Kawakubo se tornou referência no que diz respeito à moda excêntrica, incomum. Apesar disso, é impossível negar a influência que ambos os estilistas exerceram sobre outros criadores de moda, *designers* e artistas

até os dias de hoje. Suas criações, além de inovadoras, são uma ponte para o mundo ocidental e demonstram sua forte ligação a princípios de ecologia e aos seus ancestrais e, acima de tudo, ao grande valor que dão à tradicional história e cultura nipônica.

5 YOHJI YAMAMOTO – DA COSTURA DE BAIRRO À ALTA COSTURA MINIMALISTA

Yohji Yamamoto (Figura 1) nasceu em 1943 em Tóquio, no Japão. Segundo English (2011), Yohji nunca conheceu seu pai, que faleceu em Manchuria durante a Segunda Guerra Mundial, portanto foi criado por sua mãe, Yumi, que trabalhava há muitos anos como costureira. Durante sua juventude, Yohji foi encorajado por sua mãe a se tornar um advogado, por essa ser uma carreira bastante promissora e estável, o que o levou a graduar-se em Direito pela Universidade de Keio em 1966. Porém, Yohji afirma nunca ter se identificado com a área de direito e, portanto, nunca chegou a atuar de fato na profissão. Nessa mesma época, Yohji passou a ajudar sua mãe com os pequenos trabalhos de costura que realizava em seu bairro e, pressionado por ela, ingressou na reconhecida universidade de moda Bunka Fashion College, em Tóquio, para aprender um pouco mais sobre a função de desenvolvimento e costura do vestuário, o que o levou a descobrir sua verdadeira paixão pela área de moda e de criação de roupas. Ao ingressar na universidade, Yohji tomou conhecimento, através de um colega de classe, da existência da profissão de *designer* de moda, conforme conta em entrevista ao site londrino ShowStudio⁵. Apesar de suas boas habilidades manuais, Yohji atuou durante um bom tempo como um criador anônimo e somente anos depois, em 1970, começou a confeccionar suas primeiras roupas, abrindo em 1972 a sua marca Y's, hoje em dia considerada sua grife de preços mais acessíveis e também sua marca mais famosa.

⁵ Site londrino especializado em filmes, documentários e vídeos de moda.

Figura 1 – Yohji Yamamoto em cena do filme *Notebook on Cities and Clothes* (1989)



Fonte: Win Wenders Stiftung (<http://wimwendersstiftung.de/>)

Em 1977, Yamamoto apresentou sua primeira coleção no Japão e fez sua estreia na cena de moda parisiense em 1981, onde, segundo Sabino (2007), não recebeu boas críticas da imprensa francesa. Anos mais tarde, em 1983, Yamamoto ganhou destaque ao lado da estilista japonesa Rei Kawakubo, quando ficaram conhecidos por um visual chamado de pauperismo, que caracterizava-se por uma desconstrução de roupas de tons sóbrios e aspecto gasto com sobreposições, assimetrias e recortes. Nos dois anos seguintes, juntamente com Kawakubo, Yamamoto ajudou a estabilizar a ideia de uma moda de volumes, formatos e silhuetas desconstruídas (Figuras 2 e 3).

Suas estéticas revolucionárias chocaram o mundo com roupas que aparentavam ser inacabadas e esfarrapadas, e suas silhuetas soltas e fluidas junto ao uso constante da cor preta nas coleções enaltecem o quanto seu trabalho era inovador e artístico, e tonaram-se o “uniforme” daqueles que apostavam em uma estética mais urbana durante os anos 1980. Em 1984, com sua marca já mais estabilizada, Yamamoto apresentou sua primeira coleção de moda masculina em Paris, que continuava a incorporar muitos dos elementos inovadores que o lançaram ao reconhecimento mundial da moda.

Considerado minimalista e teorizando sobre a cor, a função e a relação da roupa com o corpo humano, sempre usou muito o preto, o branco e as formas desconstruídas, produzindo visuais e silhuetas que fazem lembrar

andarilhos e outros povos que fazem da superposição de peças uma elegância e arte de vestir inesperadas. (SABINO, 2007, p. 647)

Figuras 2 e 3 – Criações de Yohji Yamamoto (1980 e 1981)



Fonte: StyleZeitgeist.(<http://www.stylezeitgeist.com/>)

O maior destaque do trabalho de Yohji Yamamoto talvez seja a ênfase que dá aos materiais, silhuetas e formas que incorpora no desenvolvimento de suas criações. Os materiais e suas formas são o ponto de partida para o desenrolar de todas as coleções do estilista. Segundo o site oficial do museu londrino Victoria & Albert Museum, Yohji utiliza uma grande variedade de técnicas e materiais japoneses junto com tecidos tradicionais como Gabardine e Tweed. Todos os tecidos utilizados para confeccionar as peças de Yohji são feitos no Japão sob as suas próprias especificações e orientações, tornando-os ainda mais especiais e únicos.

O estilista é bastante meticuloso na escolha de seus materiais, bem como nas técnicas e processos que utiliza, como tingimentos e lavagens. Segundo o site, Yohji dá preferência a tecidos pesados que não são normalmente utilizados para a criação de roupas femininas, Alta Costura ou até mesmo roupas casuais no geral, o que, para o estilista, emprega uma nova linguagem às suas criações. Além disso, Yohji costuma utilizar também diferentes técnicas manuais, como o bordado e o tricô,

além de diferentes formas de tingimento, como o *Shibori* e o *Kyo-yuzen*. O *Shibori* consiste em um método de tingimento em que, através de nós, pontos e amarrações, certas áreas de tecido ficam protegidas do corante, formando assim padrões únicos com formas geométricas e orgânicas. Já o *Kyo-yuzen* é uma técnica utilizada principalmente para quimonos, que consiste em mais de vinte intervenções no tecido como *design*, desenhos, colagem, decoração e tingimento. Através dessas técnicas, Yohji procura agregar novas formas e detalhes às suas coleções, sempre demonstrando a forte influência das tradições e técnicas japonesas em suas criações.

A importância da influência do trabalho de Yamamoto e de Rei Kawakubo para a história da moda é hoje um fato a ser ressaltado: basta observar algumas das referências e “tendências” apresentadas pelos estilistas desde a década de 1980, que surgem vez ou outra nas passarelas de diferentes grifes ao redor do mundo e no *street style* observado em lugares diversos e utilizado por pessoas dos mais variados estilos e classes sociais, conforme observa Armstrong (1998). A sobreposição, o minimalismo, a assimetria, a desconstrução e até mesmo a cor preta, são todos, se não heranças de Yamamoto e Kawakubo, ecos de suas criações.

O processo criativo de Yohji Yamamoto pode ser observado mais atentamente através do já citado documentário *Notebook on Cities and Clothes*, intitulado *Identidade de Nós Mesmos* (Figuras 4 e 5) no Brasil, dirigido pelo cineasta alemão Wim Wenders em 1989, que retrata as principais referências, questionamentos e criações do estilista japonês. Yamamoto expõe o fato de que diversas situações podem servir de inspiração para o seu processo criativo, tal como sua coleção outono/inverno de 1989, por exemplo, apresentada no documentário, e que foi inspirada em fotos antigas do fotógrafo alemão August Sander no livro *Mans of 20 Century*, que apresenta fotos e imagens de pessoas em situações comuns, vestidas com roupas de trabalho, de casamento ou de luto. No decorrer do documentário, Yamamoto revela ainda a importância da escolha do material e da técnica da *moulage* em suas criações, desenvolvendo grande parte das peças diretamente no corpo da modelo, criando uma espécie de “segunda-pele”, como afirma o próprio estilista no documentário. Sua conexão com a desconstrução em suas criações parece ser a combinação de diferentes influências, como a devastação e reconstrução do Japão do pós-guerra, uma identificação com o *street*

style europeu, suas referências artísticas e um desejo por abstrair elementos artísticos e transformá-los em uma expressão de *design* que possa ser universal. Além disso, Yamamoto expõe também o motivo por trás da utilização massiva do preto em suas coleções, uma vez que a cor é considerada a “não cor”, o que para o estilista representa diferentes emoções condensadas, podendo ser arrogante e simples ao mesmo tempo.

Figura 4 – Yohji Yamamoto e modelo em cena do documentário *Notebook on Cities and Clothes* (1989)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Figura 5 – Yohji Yamamoto e sua equipe em cena do documentário *Notebook on Cities and Clothes* (1989)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Yohji Yamamoto é um importante e inovador *designer* de moda. Ele é um dos poucos em sua profissão, segundo Sabino (2007), que romperam com sucesso as fronteiras entre arte e produtos comerciais, criando roupas que variam de itens básicos de moda, como tênis e *jeans*, para roupas que se aproximam da Alta Costura e que são nada menos do que esculturas móveis e mais maleáveis. Tido como uma espécie de mestre artesão e sonhador filosófico, Yamamoto tem equilibrado os extremos aparentemente incompatíveis de pontos opostos da moda.

6 REI KAWAKUBO – VANGUARDA NA MODA E NA ARTE

Rei Kawakubo (Figura 6) nasceu em 1942, na cidade de Tóquio, no Japão. De acordo com Sabino (2007), durante sua infância, o cenário no país era de devastação, e os sistemas econômico e político enfrentavam um período de grande instabilidade devido às consequências deixadas pelo final da Segunda Guerra Mundial. Nos anos seguintes, o país começou a se reerguer, e, através do avanço e do desenvolvimento que se seguiu, surgiram diversas oportunidades para a geração que, assim como Kawakubo, adentrava na juventude e gerava uma contribuição mais criativa e objetiva em relação ao mundo em que vivia.

Figura 6 – Rei Kawakubo (1987)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Filha de um acadêmico da Universidade de Keio, Kawakubo, ao deixar a escola, passou a cursar Belas Artes e literatura japonesa e ocidental na mesma instituição de seu pai, onde graduou-se no ano de 1964 e passou a trabalhar no departamento de propaganda da Asahi Kasei, uma grande empresa química e maior produtora de fibras acrílicas do Japão. Ainda em 1967, a estilista trabalhou como *stylist* de moda *freelancer* e, ao se deparar com algumas dificuldades para encontrar as roupas que desejava incorporar em suas produções, Kawakubo passou a desenvolver suas próprias roupas e criações. Alguns anos depois, a estilista criou a marca Comme des Garçons (Figura 7), apresentando-se pela primeira vez em

1975, em Tóquio, e logo depois em Paris, em 1981. No início de sua carreira, suas roupas eram vendidas em uma pequena loja chamada de Belle Boudoir, um espaço em Tóquio destinado a pessoas interessadas em moda que deu a vários jovens *designers* seu primeiro espaço de exposição.

Figura 7 – Rei Kawakubo em *backstage* de desfile da Comme des Garçons em Paris (1987)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Nesse período, segundo Sabino (2007), estilistas como Kenzo Takada e Issey Miyake já chamavam a atenção no cenário de moda internacional, mas ainda assim o mundo ainda não considerava o Japão como um local capaz de produzir uma moda relevante, onde se poderia encontrar um *design* de moda interessante e inovador. Foi só com a chegada de Kawakubo que o mundo virou definitivamente os holofotes para a moda japonesa. Assim como Yamamoto, as primeiras aparições de Kawakubo não foram muito bem recebidas pela crítica, porém, nos anos seguintes, a estilista chamou a atenção com sua coleção que desconstruía as formas convencionais através de assimetria e volumes. Até hoje, considera-se que as criações de Rei Kawakubo e sua grife Comme des Garçons quebram paradigmas e regras impostas pelo próprio universo da moda, nos questionando e apresentando novas formas de vestir.

A visão estética de Kawakubo se estende além de suas roupas para cada pequeno detalhe de sua grife, o que dá ainda mais consistência para sua imagem ao redor do mundo. De acordo com Sudjic (1990), sua identidade se faz valer através de fotografias, *design* gráfico, arquitetura e arte. Na medida em que a Comme des Garçons se tornava mais bem-sucedida, Kawakubo começou a assinar acordos com franquias que operariam sob o nome da marca. No começo da década de 1980, com oitenta empregados no escritório de Tóquio, a Comme des Garçons já vendia US\$ 30 milhões por ano, em 150 lojas.

A criatividade de Kawakubo se estende para diferentes áreas e colaborações, de museus e galerias à performances em parceria com arquitetos, fotógrafos, *designers* gráficos e até uma artista floral. A *designer* trabalhou com diferentes artistas e, em 1997, desenvolveu o cenário e figurino para a performance *Scenario* (Figura 8) de Merce Cunningham, apresentada em Paris e com inspirações em sua coleção de primavera de 1997, intitulada *Body Becomes Dress, Dress Becomes Body* (Figura 9).

Figura 8 – Imagem da mostra *Scenario* com figurinos feitos por Rei Kawakubo (1997)



Fonte: Elle (<http://www.elle.de/>)

Figura 9 – Coleção *Body Meets Dress, Dress Meets Body* da Comme des Garçons (1997)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Figura 10 – Uma das peças mais famosas de Rei Kawakubo, *Tricot com furos* (1984)



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Os trabalhos de Rei Kawakubo ganharam grande destaque não somente no âmbito da moda, como também na esfera da arte. Grande parte da produção da

marca, desde sua criação, se tornou alvo do interesse de mostras e exposições artísticas ao redor do mundo. A Comme des Garçons e sua criadora são um dos principais exemplos de como a moda habita um espaço antes destinado à arte, deslocando a roupa da passarela para o museu, criando para ela novos significados e convidando o público a pensar a moda sob um viés que problematiza o próprio contexto e o universo no qual se insere.

O surgimento desses estilistas japoneses impulsionou o conceito de vanguarda, pois esse pequeno grupo formado por Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto deu início a uma interpretação contemporânea de moda, aproximando e unindo as fronteiras entre moderno e antimoderno, moda e antimoda e especialmente entre Ocidente e Oriente. Segundo Fogg (2013), esses estilistas enfatizavam em suas criações os modos de vestir de antepassados, adaptando tecidos, cores e volumes do Japão antigo ao estilo característico da moda e vestuários ocidentais. Ainda segundo a autora, tanto Yamamoto como Kawakubo simbolizaram um novo momento para a moda, apostando em minimalismos, austeridade e abordagens mais artísticas, fazendo questionar quaisquer ideias e definições preestabelecidas de moda até então. Além disso, os estilistas foram alguns dos primeiros criadores de moda estrangeiros a alcançarem fama e renome internacional, uma vez que até então a moda era praticamente dominada pelo estilo europeu.

A influência dos estilistas japoneses afastou em partes as fronteiras da moda dos ideais ocidentais do corpo e convenções de vestuário. Além disso, a moda ocidental incorporou influências, tradições e formas não europeias às práticas predominantes[...]. (FOGG, 2013, p. 403)

Uma vez estabelecida a importância da influência de Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto para as esferas da arte e da moda, o próximo capítulo abordará com maior profundidade e detalhamento a relação entre esses *designers* e a arte, bem como a sua importância histórica e cultural para ambas as áreas.

7 REI KAWAKUBO E YOHJI YAMAMOTO – RELAÇÃO COM A ARTE

A estreita e paralela relação entre arte e moda como tema de discussão e pesquisa vem sendo levantada há algum tempo. Segundo Müller (2000), ambas podem ser consideradas formas de expressão humanas, cada uma sendo capaz de representar através de diferentes mecanismos, sentimentos, costumes, culturas, sociedades, locais, povos e épocas.

Analisando então a arte e a moda através do tempo, percebe-se que ambas utilizam, muitas vezes, as mesmas linguagens, elementos e características para expressar seus ideais. Os temas abordados por artistas e estilistas variam, podendo comunicar “tanto a expressão de uma ideologia quanto a crítica de uma sociedade ou reflexo de uma confusão de gêneros”.

(MÜLLER, 2000, p.4)

Observa-se ainda, uma maior reciprocidade entre moda e arte em meados de 1890, com o estabelecimento da chamada *Art Nouveau*, que segundo Farthing (2011), era um estilo artístico que possuía como principal característica a valorização de temas ligados à natureza, resultando em linhas com movimento, sinuosas, orgânicas, curvilíneas e assimétricas, que davam maior valor às formas na arquitetura, no design, nas artes, entre outros.

Durante este período, em 1894, o arquiteto belga Henry van de Velde desenvolveu o que pode ser considerada uma renovação dos trajes femininos, desenhando modelos de vestuário no estilo *Art Nouveau*, que foram elaborados em pequena escala e chamados de *Künstlerkleid*, ou seja, “vestido artístico” ou “roupa de artista”, que conforme Müller (2000), pode ser considerado uma das primeiras relações e “parcerias” entre a arte e a moda.

Ainda durante o século XX, segundo Sabino (2007), o estilista francês Paul Poiret utilizou-se de colaborações com artistas e obras de arte, trazendo uma nova temática para as suas criações. Em meados de 1911, fundou um atelier e uma oficina, admitindo jovens para a criação de estampas têxteis e posteriormente trabalhando com o também francês Raoul Dufy, artista e pintor que projetava suas obras nos tecidos utilizados por Poiret em suas criações.

O movimento cubista também é considerado de grande relevância histórica para a conexão das áreas de arte e moda, uma vez que os artistas adeptos ao movimento resgatavam muitos de seus elementos artísticos de pinturas e esculturas,

os recortavam e reorganizavam, e os traziam para suas roupas, buscando acima de tudo a construção de uma nova identidade e apresentando algumas das primeiras concepções modernas em relação à arte gráfica, à moda, ao *design* e à fotografia, entre outros, conforme afirma Sabino (2007). Além desse, outros movimentos contribuíram para a parceria de trocas, investigações e novas possibilidades que se dá por meio da junção da arte com a moda. O Futurismo, movimento surgido em 1909, celebrava o avanço da tecnologia e a modernidade urbana, e, conforme afirma Farthing (2011), propôs uma mudança radical com relação à roupa através de novos tecidos de tons metalizados e silhuetas modernas. Ainda segundo o autor, o Surrealismo, que buscava incentivar o inconsciente de modo a revelar e estimular o poder da imaginação, apresentou diversas contribuições entre as áreas de moda e arte por meio de artistas como Salvador Dalí e Elza Schiaparelli, que desenvolveram os icônicos vestido-lagosta e chapéu-sapato, e deixaram um legado que ecoa com forte impacto até os dias de hoje em diferentes coleções e campanhas de moda.

A Pop Art, de acordo com Farthing (2011), introduziu suas cores e formas extravagantes em peças de vestuário, e até mesmo as obras do pintor austríaco Gustav Klimt serviram de referência para um dos desfiles mais reconhecidos da marca francesa Dior, que, sob o comando do estilista John Galliano para a coleção de primavera/verão 2008, apresentou modelos envoltas em vestidos extravagantes de cetim Duchesse, grandiosas joias, formas geométricas e muitos tons de dourado, que faziam uma releitura quase literal dos famosos quadros do pintor.

Além de Galliano, outros importantes *designers* de moda e grifes buscaram inspiração na obra de artistas para desenvolver suas coleções. Nos anos 1960, Yves Saint Laurent inspirou-se pelas formas e cores dos quadros do famoso pintor holandês Piet Mondrian, e criou uma de suas peças mais icônicas, o vestido Mondrian. A estilista americana Anna Sui apresentou a sua coleção *Resort* 2013 com inspirações nas formas e cores da Art Nouveau; a marca belga Komono, especializada em relógios, desenvolveu em 2014 uma coleção especial em homenagem ao artista americano Jean-Michel Basquiat, com peças que apresentavam estampas de alguns dos grafites do artista. A marca de roupas OBEY apresentou a sua coleção de outono 2012 com fortes referências ao trabalho do artista Keith Haring, incorporando estampas dos desenhos famosos do pintor em casacos, camisetas, acessórios, entre outros.

Nos últimos quarenta anos, estilistas japoneses foram os pioneiros, dentre os criadores de moda não-europeus, em relacionar diretamente as áreas de moda e arte, e lançaram através de suas roupas suas principais ideologias, identidades políticas e sociais. Segundo Cruz (2015), com ênfase em sua admiração pelas tradicionais artes japonesas, bem como por um modernismo exposto através de fibras tecnológicas, imagens visuais e esculturas tridimensionais, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto podem ser considerados hoje os principais responsáveis pela criação e propagação de uma estética japonesa na moda global.

Suas relações com a arte parecem ser algo não datado, algo intrínseco em suas personalidades e em suas maneiras de criar e ver a moda, pois enquanto cada um desses *designers* possui uma perspectiva única em sua construção de roupas, ambos têm em comum uma paixão e forte interesse por colaborações artísticas no desenvolvimento de suas coleções, mas também no *marketing* e na imagem de suas grifes.

A estética de suas criações costuma ser bastante distinta, com construções que ultrapassam a função da roupa como sendo apenas vestuário, para tornar-se escultura e arte, e para ser admirada. Isso se evidencia particularmente na carreira de Kawakubo, que, segundo o site oficial do museu de arte nova-iorquino Metropolitan Museum of Art, já fez parcerias com artistas têxteis e escultores importantes como Yasumasa Morimura, Cai Guo-qiang, o pintor Tadanori Yokoo e o arquiteto Tadao Ando. Em uma de suas últimas parcerias, Kawakubo trabalhou com Takao Kawasaki, um arquiteto que desenvolveu a maior parte do *design* das lojas da Comme des Garçons. O império de Kawakubo é conhecido principalmente por combinar um trabalho industrial ético e social e entregar um produto com características socioculturais, fazendo referência tanto a diversos movimentos artísticos como ao Futurismo, por exemplo, tanto em seus desfiles como em suas coleções e publicidade.

A aproximação desses estilistas com a arte é tamanha que muitas vezes suas coleções viraram exposições e mostras em importantes museus e locais ao redor do mundo, como é o caso da coleção primavera/verão 2012 da Comme des Garçons intitulada *White Drama* (Figura 11), que virou mostra de arte no Paris's Les Docks em 2012. A exposição, que leva o mesmo nome da coleção, mostra peças monocromáticas, as quais, segundo Kawakubo, têm a intenção de enaltecer alguns dos principais estágios da vida: nascimento, casamento, morte e transcendência. A

estilista foi a responsável pelo conceito do projeto de instalação, que envolvia grupos de 33 *looks* com o mesmo estilo e produção em que apareceram no desfile, porém, colocadas dentro de gigantescas bolhas de plástico transparentes, no intuito de desenvolver para as peças uma ambientação diferente da apresentada na passarela e criar uma sensação ainda mais dramática, conforme pontua English (2011). A exposição não aponta quais peças representam cada estágio, deixando essa interpretação a critério da imaginação de cada expectador. As peças incorporam diferentes tonalidades de branco em uma variedade de materiais como algodão, lã, cetim, renda e seda, compostos em cada manequim com exóticos acessórios de cabeça, véus ou chapéus desenvolvidos pelo *designer* londrino Gary Card.

Figura 11 – Mostra da coleção primavera/verão 2012, *White Drama* da Comme des Garçons em Paris



Fonte: Blouin Artinfo (<http://www.blouinartinfo.com/>)

No ano de 1996, Rei Kawakubo participou da Biennale di Firenze, uma exposição com duração de três meses cujo objetivo era conectar e investigar a relação entre arte e moda no século XX. A mostra, intitulada *Time and Fashion*, consistia basicamente de diversas exposições espalhadas por museus e locais históricos da cidade de Florença, com espaços ocupados por instalações com colaborações entre artistas e estilistas, como Miuccia Prada com Damien Hirst, Gianni Versace com Roy Lichtenstein, Jil Sander com Mario Merz, entre outros.

Kawakubo participou da mostra ao lado do artista alemão Oliver Herring, cujo trabalho consistia principalmente em esculturas de figuras humanas, roupas e móveis. A colaboração entre Kawakubo e Herring resultou em um espaço que expunha a cristalização do imaterial por meio da utilização de materiais fluidos, como o Mylar, um filme plástico transparente feito de poliéster, que se movimentam de maneira etérea devido a sua leveza e transparência (Figura 12). O principal objetivo do trabalho era o de discutir o vazio e a imaterialidade, conforme pontua Celant (1997).

Figura 12 – Parceria entre Rei Kawakubo e Oliver Herring – Biennale di Firenze (1996)



Fonte: Oliver Herring (<http://oliverherringstudio.com/artwork/>)

Um dos grandes marcos da relação de Rei Kawakubo com a arte certamente foi a exibição *ReFUSING FASHION: Rei Kawakubo* (Figuras 13 e 14), dedicada inteiramente à estilista, expondo grande parte de sua trajetória, seus métodos únicos de criação e suas colaborações com artistas de diversos campos. A mostra aconteceu em 2008 no Museu de Arte Contemporânea de Detroit (MOCAD), e, segundo o site oficial do museu, contava com mais de quarenta peças-chave, figurinos, fotografias e filmagens de desfiles expostos em forma de intervenções e instalações em diferentes espaços. Além dessa mostra, Rei Kawakubo e sua grife

Comme des Garçons foram o centro de diversas outras exposições ao redor do mundo, como a exibição fotográfica *Mode et Photo*, que aconteceu em Paris, no ano de 1986; a exposição *Tree Voices: Franco Albini, Kris Ruhs e Rei Kawakubo*, em Paris, em 1993, voltada para as áreas de arquitetura e escultura, onde Kawakubo desenvolveu uma pequena coleção de cadeiras feitas de cipós Paulownia; a exibição *Essence of Quality* da Comme des Garçons Noir no Kyoto Costume Institute; e uma exibição denominada *Mode and Art*, na Bélgica, para citar apenas algumas.

Figura 13 – Parte da mostra *ReFUSING Fashion: Rei Kawakubo* (2008)



Fonte: Museum of Contemporary Art Detroit (<http://www.mocadetroit.org/exhibitions/comme.html>)

Figura 14 – Parte da mostra *ReFUSING Fashion: Rei Kawakubo* (2008)



Fonte: Museum of Contemporary Art Detroit (<http://www.mocadetroit.org/exhibitions/comme.html>)

Kawakubo fez também duas parcerias que tornaram-se muito famosas e conhecidas. Uma delas foi em 1994, com a artista Cindy Sherman (1954) (Figura 15), conhecida principalmente por seus retratos. Conforme aponta Glasscock (2010), o objetivo da colaboração era realizar uma série de fotografias para a Comme des Garçons em forma de campanha publicitária, porém, o resultado fugiu tanto do padrão de campanha de moda estabelecido até então que o trabalho ficou conhecido principalmente pelo seu caráter questionador, bem como por abordar uma reflexão a respeito da maneira como a feminilidade é apresentada perante a sociedade.

Figura 15 – Parceria de Rei Kawakubo e Cindy Sherman (1994)



Fonte: Dazed (<http://www.dazeddigital.com/>)

Ainda segundo Glassock (2010), outra parceria importante aconteceu no ano de 1997, quando Kawakubo se uniu ao coreógrafo e bailarino norte-americano Merce Cunningham, após a apresentação de sua famosa coleção *Dress Meets Body, Body Meets Dress and They Are One* (Figura 16). Essa coleção teve grande destaque na trajetória da marca, uma vez que a estilista apresentou roupas que distorciam os corpos das modelos, criando volumes com enchimentos no quadril, costas e barriga, com a intenção de propor um novo olhar sobre o corpo feminino. Essa colaboração gerou a apresentação de dança *Scenario*, já citada anteriormente, onde os bailarinos se apresentavam vestidos com a coleção de Kawakubo, que possibilitava diversas novas formas e movimentos corporais, reforçando a pesquisa de Cunningham e expandindo a discussão de Kawakubo a respeito do corpo humano, tirando suas roupas da passarela e colocando-as em movimento através da dança.

Figura 16 – *Scenario* – Parceria de Rei Kawakubo e Merce Cunningham



Fonte: Dazed (<http://www.dazeddigital.com/>)

Yamamoto, por sua vez, é entre os *designers* japoneses o criador que mais cita e faz referências à tradição japonesa em suas roupas, o que o tornou famoso nos anos 1990 através de seus *trenchcoats* e camisetas inspirados em quimonos tradicionais da cultura nipônica (Figura 17). Embora claramente influenciado pelas

formas geométricas de tais vestimentas tradicionais, Yamamoto encontra métodos de incorporar elementos do *sportswear* contemporâneo e detalhes de acabamento modernos em seus projetos, em uma maneira de criar uma moda de rua com características contemporâneas e chiques, imbuídas de funções como proteção e durabilidade.

É possível observar, através de suas criações, que Yamamoto prioriza formas, volumes e recortes com tendências dramáticas e assimétricas, expondo o seu ponto de vista de que o ser humano não possui simetria alguma tanto em seus pensamentos e emoções como em seu corpo, conforme afirma no documentário *Notebook on Cities and Clothes*, de 1989, dizendo que “a simetria perfeita é feia”, e que é preciso desconstruir as formas humanas convencionais.

Figura 17 – Desfile de Yohji Yamamoto nos anos 1990



Fonte: StyleZeitgeist (<http://www.stylezeitgeist.com/>)

Yamamoto é, certamente, dentre os criadores de moda japoneses, uma figura mais reservada, e parece apropriar a arte de maneira mais sutil em seus trabalhos e trajetória. Para o estilista, uma foto, um sentimento, uma escultura ou até mesmo uma expressão transmitida através de uma obra podem servir como inspiração e referência para suas criações e coleções, o que é possível observar no decorrer do documentário. Yamamoto incorpora em suas criações as cores, os volumes, os recortes e os materiais que associa com algo que o tocou, com algo que presenciou ao seu redor, algo presente em seu universo. Tamanha sensibilidade talvez seja a

maior razão que leva Yamamoto a relacionar-se tantas vezes com trabalhos e intervenções artísticas em sua produção, estabelecendo uma longa trajetória de parcerias entre moda e arte.

No ano de 1988, Yamamoto inaugurou a loja Yohji Yamamoto Shop e, no ano seguinte, participou do já citado importante documentário sobre sua vida e processo criativo, dando início assim a sua trajetória de parcerias com o cinema.

Esse acontecimento marca a constante presença da arte na vida e no trabalho do estilista, que, de acordo com o seu próprio *site* oficial, desenvolveu por duas vezes os figurinos de filmes do cineasta japonês Takeshi Kitano; lançou em 2002 a exposição *Yohji Yamamoto: May I help you?* na Maison Européenne de la Photographie, em Paris, onde mais tarde apresentou sua primeira coleção da marca Y's. A mostra *Yohji Yamamoto: May I Help you?* permite revisitar o trabalho de Yamamoto através do olhar de oito fotógrafos que produziram fotografias para catálogos e outros materiais relacionados ao *designer* desde 1984. A exposição, realizada de maneira completamente livre do olhar de Yamamoto, tem como principal objetivo expor de maneiras diferentes as diversas facetas do *designer* e de seu trabalho. Nesse mesmo ano, Yamamoto participou de diversas outras exposições sobre sua carreira e suas obras em diferentes museus e países.

Em sua colaboração com o famoso cineasta japonês Takeshi Kitano para o filme *Brother* (Figura 18), estrelado pelo próprio diretor do longa e que retrata a empreitada de um membro da máfia japonesa e questões relacionadas ao narcotráfico, Yamamoto foi o responsável pela criação de tradicionais ternos pretos utilizados pelos personagens da máfia japonesa Yakuza, que, apesar de serem ternos comuns, possuem algumas características orientais, lembrando muitas vezes verdadeiros quimonos japoneses.

Figura 18 – Cena do filme *Brother* com figurinos desenvolvidos por Yamamoto (2000)



Fonte: Lilian Pacce (<http://www.lilianpacce.com.br/>)

Para o filme *Dolls* (Figura 19), o segundo da parceria entre Yamamoto e Kitano, que conta três histórias de drama e romance e possui foco principal na fotografia, Yamamoto voltou-se ainda mais para algumas das características que são sua marca registrada, desenvolvendo roupas mais desestruturadas, com recortes e assimetrias típicas da cultura japonesa, mas abandonando a cor preta que tanto utiliza para dar vez a tecidos com muitas cores e estampas, para que as roupas parecessem verdadeiras vestes de marionetes e bonecas. Os trajes elegantes e modernos concebidos por Yamamoto para o longa eram o oposto do esperado por Kitano, de modo que o diretor realizou algumas adaptações em sua visão original da obra para haver maior coerência com os figurinos desenvolvidos por Yamamoto.

Figura 19 – Cena do filme *Dolls* com figurinos desenvolvidos por Yamamoto (2002)



Fonte: Lilian Pacce (<http://www.lilianpacce.com.br/>)

No ano de 2011, segundo o seu site oficial, Yohji Yamamoto estava com três mostras acontecendo simultaneamente em Londres: a exposição *Yohji Yamamoto*, no Victoria & Albert Museum, com algumas das principais criações da trajetória do estilista, uma mostra fotográfica intitulada *Yohji's Women*, expondo imagens das principais colaborações com fotógrafos da carreira de Yamamoto, e a última, uma instalação intitulada *Yohji Making Waves* (Figura 20), com algumas das criações de maior destaque da carreira do estilista.

Figura 20 – Imagem da mostra *Yohji Making Waves* (2011)

Fonte: Wallpaper (<http://www.wallpaper.com/>)

Esta última, em parceria com o cenógrafo e *designer* de iluminação Masao Nihei, tinha como peça central o famoso vestido de noiva *oversized* da coleção outono/inverno de 1998, suspenso e iluminado em meio a um cenário escuro sob uma estação hidráulica. A mostra possibilitava para os expectadores admirarem a atmosfera fantasmagórica do vestido suspenso refletido na água, junto a uma trilha sonora que pretendia criar um clima de tranquilidade e meditação. Segundo o site oficial do museu londrino Victoria & Albert Museum, a principal intenção da instalação seria a de captar por meio de metáfora uma parte do espírito, da simplicidade e da imaginação do *designer*.

Com essa mostra, Yohji parece afirmar ao mundo que não existe regra para a criação e a arte, e que cada indivíduo deve se expressar e realizar aquilo que acredita ser o certo. Sua experiência de vida, suas bagagens culturais e estéticas e sua vivência são certamente levadas para as suas criações, traduzindo seus sentimentos e emoções em forma de moda e arte.

A mostra *Yohji Yamamoto* (Figura 21), no aclamado Victoria & Albert Museum, em Londres, foi um dos acontecimentos de maior destaque da carreira de Yamamoto. A mostra consistia em uma instalação retrospectiva contendo mais de oitenta peças de vestuário confeccionadas por Yohji para suas coleções masculinas

e femininas, selecionadas de maneira a demonstrar as fases mais marcantes e representativas de seu trabalho.

A partir dessa mostra, é possível observar as diferentes nuances do trabalho de Yohji, bem como a grande importância dos materiais, técnicas de confecção e experimentações incorporadas em suas criações. A exposição se dividia por diferentes áreas e seções que apresentavam peças separadas por diferentes temas, como cerâmica, pinturas, tapeçaria, instalações, entre outros. O espaço principal da exposição consistia em uma grande instalação com diversas peças e vídeos em uma linha do tempo que mostravam desfiles, filmes e trabalhos de Yamamoto no decorrer de sua carreira.

Figura 21 – Parte da mostra *Yohji Yamamoto* no Victoria & Albert Museum (2011)



Fonte: Victoria and Albert Museum (<http://www.vam.ac.uk/>)

Simultaneamente à mostra de Yamamoto no Victoria and Albert Museum, acontecia a exposição fotográfica *Yohji's Women* (Figura 22), que reunia fotografias de sete fotógrafos internacionais que trabalharam com Yohji em parcerias para catálogos entre os anos 1980 e 2005. O principal intuito da mostra era o de expressar o grande amor do estilista por mulheres fortes, consideradas fora do

padrão convencional estabelecido pela sociedade e principalmente pelo universo da moda.

Para Yohji, não deveriam existir separações entre roupas masculinas e femininas. Por conta disso, o estilista afirma que a sua intenção, quando começou a desenhar suas roupas, era a de que as mulheres pudessem utilizar grande parte das peças de suas coleções masculinas. Por conta disso, muitas de suas criações femininas contam com peças largas, volumosas, soltas, silhuetas simples e sem muitos detalhes, o oposto do que geralmente se aplica à moda feminina. O estilista acredita na quebra de paradigmas impostos pela sociedade e na função da roupa como protetora do corpo humano.

Figura 22 – Imagem da mostra *Yohji's Women*, em Londres (2011)



Fonte: Victoria and Albert Museum (<http://www.vam.ac.uk/>)

A arte aparece naturalmente no trabalho de Yamamoto, seja em suas referências de criação, na apropriação de uma obra ou até mesmo nos desfiles de suas coleções. Segundo o próprio estilista em entrevista ao site de moda londrino Matches Fashion, os desfiles de moda são uma forma de expressão única onde a

modelo e a roupa contam uma história de amor na passarela, algo sublime que dura por apenas alguns segundos, podendo marcar o expectador por tempo indeterminado.

Por fim, é possível notar os caminhos paralelos traçados por Yohji Yamamoto e Rei Kawakubo no que se trata da relação entre moda e arte. Esses *designers*, surgidos na cena de moda internacional durante os anos 1980, continuam atuando com suas diferentes grifes até os dias atuais, percorrendo novas distâncias e utilizando de novos métodos. Yamamoto segue através de suas marcas Yohji Yamamoto e Y's, que expõe seu lado mais comercial, e Kawakubo continua à frente de sua excêntrica grife Comme des Garçons. Ambos os *designers* possuem uma vasta trajetória de inovação e importância, que muitas vezes sai do campo da moda e invade a esfera da arte, misturando e confundindo muitas vezes os limites de ambas. Essa junção, cuja data de início ou ponto de partida não pode ser identificada, certamente não possui fim, deixando espaço para a investigação e estudo de diversos outros aspectos na relação desses *designers* de moda com as muitas possibilidades e manifestações da arte.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos observados no decorrer deste projeto, pode-se considerar que há uma forte conexão e interdisciplinaridade que permeia as áreas de arte e de moda.

A partir de pesquisas acerca das vanguardas artísticas do século XX, observa-se uma transformação nas funções exercidas pela arte até então, que, uma vez mais relacionada à moda, passa a questionar diversos contextos históricos e o seu próprio conceito artístico, convidando os indivíduos a pensarem e vivenciarem a moda de uma maneira não convencional. Durante a década de 1980, os estilistas japoneses Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto invadiram a cena coloquial de moda internacional apresentando roupas de volumes amplos e cores sóbrias, que desafiavam os padrões extravagantes daquela época. É possível notar que, ao questionar a moda e suas convenções, propondo um olhar crítico a respeito da mesma, ambos os *designers* colocaram suas criações lado a lado com a arte, influenciando uma geração de *designers* e artistas com características e valores semelhantes. Dessa maneira, podemos considerá-los como fortes exemplos do fortalecimento do diálogo entre arte e moda, por meio das parcerias realizadas com artistas de diferentes áreas, que não só enriquecem seu trabalho como também agregam, às roupas e à moda, novos significados.

Neste projeto, nota-se principalmente que as áreas de arte e moda se inter-relacionam e se confundem constantemente, discutindo e alterando o contexto cultural em que estão inseridas, estabelecendo novas perspectivas e possibilidades de criação. Através de sua nova perspectiva, de sua filosofia e seu *design* particulares, Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto trouxeram à tona um novo debate no que se trata de moda e arte, e estabeleceram o lugar do Japão no mundo da moda.

Enquanto estudante e profissional da área de moda, acredito que as pesquisas realizadas em favor deste trabalho de conclusão de curso não enriquecem apenas meu repertório pessoal e profissional, mas também estabelecem de maneira mais concreta a conclusão de que as áreas de moda e arte não tratam apenas de questões visuais e estéticas, como estão intrínsecas aos aspectos culturais e sociais e à identidade de cada indivíduo e sociedade.

Rei Kawakubo e Yohji Yamamoto parecem ser natos propagadores da filosofia japonesa, de muita disciplina e delicadeza. Inovaram de muitas formas e,

mais do que isso, despertam a reflexão de que é possível desenvolver algo tão comum e utilitário como roupas, acessórios e calçados de uma maneira menos banal. É possível criar algo que conte uma história em cada um de seus pequenos detalhes, seja por meio de uma gola, uma cor, um recorte, um tecido. Ambos os *designers* fazem pensar: pensar na importância da tradicional cultura japonesa para esses estilistas; pensar no trabalho inovador realizado em uma época em que não havia tamanha quantidade de recursos como existem hoje; pensar, principalmente, que a maneira de se fazer moda deve ser questionada de tempos em tempos, e que a influência e apropriação da arte não precisa necessariamente estar escancarada e evidente, pode ser algo sutil, que se transforma em algo belo e interessante e cumpre o seu papel de sensibilizar e impressionar.

REFERÊNCIAS

- ARMSTRONG, Lisa. Deconstructing Yohji. **Revista Vogue Inglaterra**, p. 134-137, ago. 1998.
- BRAGA, João. **História da moda**: uma narrativa. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.
- BRANDINI, Valéria. Vestindo a rua: moda, comunicação & metrópole. **Revista Unisinos**, v. 9, n. 1, 2007.
- BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, 2009.
- CELANT, Germano. **Art/Fashion**. New York: Skira, 1997.
- COMME des Garçons White Drama. 2012. **Palais Galliera**. Disponível em: <<http://www.palaisgalliera.paris.fr/fr/expositions/comme-des-garcons-white-drama>> Acesso em: 27 mar. 2016.
- CRUZ, Elyssa da. Myiake, Kawakubo, and Yamamoto: Japanese Fashion in the Twentieth Century. Oct. 2004. **Met Museum**. Disponível em: <http://www.metmuseum.org/toah/hd/jafa/hd_jafa.htm#slideshow11> Acesso em: 15 dez. 2015.
- DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.
- ENGLISH, Bonnie. **Japanese Fashion Designers**: The work and influence of Issey Miyake, Yohji Yamamoto and Rei Kawakubo. Nova York: Editora Berg, 2011.
- FARTHING, Stephen. **Tudo sobre Arte**: Os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- ADVAMEG, INC. **Fashion Encyclopedia**. 2015. Disponível em: <<http://www.fashionencyclopedia.com/>>. Acesso em: 17 dez. 2015.
- FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- GALLERIA CARLA SOZZANI. 2016. Disponível em: <<http://www.galleriacarlasozzani.org/>> Acesso em: 22 mar. 2016.
- GLASSOCK, Jessica. Bridging the Art/Commerce Divide: Cindy Sherman and Rei Kawakubo of Comme des Garçons. 2015. **Grey Art Gallery**. Disponível em: <<https://greyartgallery.nyu.edu/2015/12/bridging-the-artcommerce-divide-cindy-sherman-and-rei-kawakubo-of-comme-des-garcons/>>. Acesso em: 22 mai. 2016.
- GUERRA FRIA. **Acervo Estadão**. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HISTORY. [20--]. **Site de Yohji Yamamoto**. Disponível em: <<http://www.yohjiyamamoto.co.jp/en/ys/history.php>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2005.

MÜLLER, Florence. **Arte & Moda**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

NOTEBOOK on cities and clothes. Direção de Win Wenders. 1989. 1 DVD (79 min).

POLLINI, Denise. **Breve História da Moda**. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

REDIG, Joaquim. Intuição e Método. **Design & Interiores**, São Paulo, n. 30, p. 96, 1992.

ReFUSING fashion: Rei Kawakubo. 2008. **Mocad Detroit**. Disponível em: <<http://www.mocadetroit.org/exhibitions/comme.html>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

SABINO, Marco. **Dicionário da Moda**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SHOW STUDIO. Disponível em: <<http://showstudio.com>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

SUDJIC, Deyan. **Rei Kawakubo and Comme des Garçons**. New York: Rizzoli International Publications, 1990.

THE DESIGNER Report. [20--]. **Matches Fashion**. Disponível em: <<http://www.matchesfashion.com/>>. Acesso em: 09 mai. 2016.

ARTICLES. [20--]. **Victoria & Albert Museum**. Disponível em: <<http://www.vam.ac.uk/content/articles/>>. Acesso em: 20 mar. 2016.